

(9)

(23/05)

2

O SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA E A CULTURA

... Hoje em dia, a ciência (...) constitui um fenômeno sociocultural de amplitude gigantesca, que domina todo o destino das sociedades modernas e que começa a colocar problemas absolutamente cruciais.

Ladrière

As interações sociais do sistema ciência-tecnologia

Vejamos agora como o sistema ciência-tecnologia interage com os sistemas sociais, chegando a interferir na cultura.

Ladrière considera que a sociedade é um grande sistema constituído de três subsistemas principais: político, econômico e cultural.

O subsistema político refere-se aos sistemas de poder pelos quais uma sociedade assume decisões que a caracterizam como tal e que lhe permitem construir sua história.

A instância econômica é formada pelos meios de produção utilizados por uma sociedade para uma sobrevivência e que fornecem os bens e serviços necessários à existência biológica de seus membros, às suas inter-relações e participação na vida social.

Para que as interações que constituem a sociedade tenham bases concretas, ela deve criar equipamentos objetivos (instrumentos, máquinas e instalações utilizados pelas instâncias econômica e política) e também "instrumentos mentais" (a linguagem, os sistemas lógicos e matemáticos e todas as teorias que materializam a aquisição e o progresso dos conhecimentos).

Como vimos, a cultura refere-se aos "instrumentos mentais" de uma sociedade.

Neste sentido, a ciência como sistema de conhecimentos e a tecnologia como um conjunto de saber-fazer que embasa as atividades econômicas e a comunicação pertencem ao sistema cultural.

Num outro sentido, como vimos no capítulo precedente, o sistema ciência-tecnologia pode ser considerado como uma superestrutura autônoma, uma realidade objetiva com vida própria, independente da realidade social que a sustenta. Nesta linha de análise, a tecnologia é considerada como parte dos equipamentos objetivos (sistema econômico), e não como elemento componente da cultura. A partir daí é possível compreender como o sistema ciência-tecnologia pode influenciar um sistema cultural e a sociedade como um todo.

Para que isso ocorra, ciência e tecnologia devem ter representação social concreta, o que acontece através de grupos institucionalizados, organizados para promover a pesquisa científica e tecnológica. É através destes grupos e organizações que as interações entre o sistema ciência-tecnologia e as três instâncias da vida social vão estabelecer-se.

As interações com a instância econômica fazem-se no sentido de que, surgindo uma tecnologia que pode responder a uma necessidade latente, iniciativas de ordem econômica aparecem para transformá-la em bem de consumo. Por outro lado, com o desenvolvimento da atividade econômica, esta tende a racionalizar-se, usando métodos de gestão e organização inspirados no método científico. O projeto econômico deixa então de ser voltado para a manutenção da produção, inventando produtos e tentando viabilizá-los. Assim, levanta questões que são encaminhadas à tecnologia. Esta procura respondê-las, contando com o auxílio da ciência, quando necessário.

Com relação às interações com a política, a partir da Segunda Guerra Mundial, quando ficou clara a importância política do sistema ciência-tecnologia, o Estado passa cada vez mais a responsabilizar-se pelo seu desenvolvimento, particularmente no que se refere às

aplicações militares e ao armamento atômico. A política tenta, então, garantir os recursos necessários à realização das pesquisas, procurando dirigi-las segundo sua concepção do desenvolvimento científico. Como a pesquisa não pode ser totalmente planejada e mecanizada, tendo as iniciativas pessoais ainda grande importância, e como a ciência só pode oferecer o conhecimento que possui, os projetos políticos são assim limitados e, neste sentido, é a ciência que impõe suas determinações à instância política.

Interações com a cultura

Na cultura, como vimos, há elementos místicos, crenças, sistemas de caráter metafísico, conhecimentos empíricos e pré-científicos, e elementos de natureza ideológica.

Para este sistema de representações, a ciência inicialmente aparece como algo estranho ou esotérico, não tendo influência no conjunto de conhecimentos comuns à maioria da população. Com o desenvolvimento social isso diminui, embora permaneça verdadeiro no que diz respeito ao fato de que o conhecimento científico, em suas formas mais evoluídas, exige formação sólida e prolongada.

Adquirindo a ciência importância para a vida social, os aspectos essenciais do conhecimento científico começam a difundir-se. A educação formal tende a prolongar-se, amplia-se a formação universitária e o acesso ao ensino médio. O modelo tradicional de ensino com base nas humanidades clássicas tende mais e mais a ser substituído por uma formação de base científica. No ensino superior, esta tendência alcança os cursos ligados às práticas sociais e humanas.

Os meios de comunicação de massa, particularmente a televisão, divulgam aspectos deste conhecimento, através de cursos sistemáticos ou de programas de popularização. Estes, embora forneçam idéias superficiais, fazem com que o público familiarize-se com aspectos da pesquisa científica. A vulgarização também é realizada em jornais e revistas, adquirindo formas e níveis diversos.

A visão científica do mundo invade profundamente o sistema de representações e transforma-o. Por via deste sistema, alcança outros sistemas culturais, especialmente os de valores. Influencia diretamente os sistemas de saber-fazer, tanto pela formação de técnicos operadores, como pelo uso de instrumentos de utilização simples que são acessíveis ao público.

Com a ligação que existe entre os sistemas da vida social, através deles, efeitos indiretos do sistema ciência-tecnologia atingem o domínio cultural. Os valores regulam as atividades políticas e econômicas, mas também dependem delas, chegando a refletir, na prática, exigências daí provenientes. As vinculações do sistema ciência-tecnologia com as instituições políticas e econômicas trazem como resultado perturbações nas normas e nos valores.

Estas interações afetam muito a existência real, transformando os esquemas materiais nos quais ela se apóia, as comunicações, a estrutura do tempo, as instituições, o trabalho e o lazer, as relações sociais.

Como vimos no capítulo 1, o valor existencial de uma cultura depende de sua capacidade integradora.

A partir da industrialização, a cultura tem que considerar o sistema ciência-tecnologia. Como isso não pode ser feito de forma integradora, perturbações graves são introduzidas na cultura. Diretamente, as perturbações dão-se no nível das representações e, indiretamente, pela influência do meio artificial criado pela tecnologia e pelo crescente controle do projeto técnico-científico sobre as mentalidades.

As representações científicas atingem todas as pessoas de uma cultura, ocasionando nelas uma oposição entre as representações científicas, de fundo intelectualista, e as tradicionais, baseadas em crenças e experiências de senso comum.

Isso ocorre principalmente devido ao espírito crítico e ao desenvolvimento sistemático que conferem ao sistema ciência-tecnologia uma autoridade que é difícil ignorar ou contestar. Além disso, o enorme desenvolvimento da ciência confere-lhe grandes vantagens sobre outras formas de saber.

Assim, a ciência questiona as outras formas de saber e isso repercute em todos os setores da cultura, particularmente nos valores. O sistema cognitivo dissocia-se dos outros sistemas e introduz-se na cultura um dualismo, até mesmo uma pluralidade, e sua capacidade integradora fica fortemente comprometida.

Além desta, outras conseqüências indiretas fazem-se sentir:

a) O ambiente criado pela tecnologia

Como a tecnologia faz parte de um sistema de produção que aumenta constantemente a quantidade de bens produzidos, uma série imensa de objetos e produtos artificiais são colocados no meio ambiente, distanciando o homem da natureza e de si mesmo.

A qualidade do novo ambiente da vida é especialmente significativa. Com o progresso tecnológico

(...) o universo dos instrumentos torna-se um universo animado, capaz de funcionar por si mesmo, reforçando incessantemente a interdependência de seus elementos, substituindo cada vez mais o mundo vivo pelo espetáculo de um mundo encantado onde os objetos se deslocam sozinhos, onde as mensagens circulam com a velocidade da luz, onde olhos luminosos não cessam de registrar dia e noite dados relativos a operações que se processam sem intervenção humana, onde se acumulam os resultados de cálculos gigantescos, onde laboratórios sem pessoal exploram o espaço, onde técnicos de avental branco manipulam massas enormes apenas apoiando os botões de um teclado, e onde mesmo as atividades caseiras são realizadas por robôs programados.¹

Ao mesmo tempo em que estes instrumentos ampliam a capacidade de ação do homem, colocam para ele uma realidade que determina cada vez mais o seu esquema de vida.

Os significados humanos construíram-se e mantiveram-se tendo como base os seres vivos. Com sua substituição pelos autômatos, as analogias antigas são transtornadas e os significados tradicionais esvaziados de sua significação. O autômato só pode ser revestido de funções simbólicas através de artifícios. Assim o cenário tecnológico revela-se incapaz de substituir as representações semânticas antigas, visto também que as finalidades para as quais os objetos foram construídos ficam perdidas no tempo, tendendo a ser substituídas pela sua mera utilização.

¹ Jean Ladrière, *Os Desafios da Racionalidade*, p. 108.

b) O controle das mentalidades

O projeto interno relativo ao seu próprio crescimento é o que leva ciência e tecnologia à tendência de formar um sistema autofinalizado.

(...) Por uma espécie de mecanismo de indução, a dimensão do projeto que habita o complexo científico-técnico tende a apoderar-se da personalidade humana, na medida em que ela participa, ativa ou passivamente, no desenvolvimento desse projeto e a modelá-la segundo uma nova estrutura de temporalidade.²

As determinações fundamentais de uma cultura formam a base para a estruturação do tempo. Um esquema de temporalidade é uma abstração que não possui ação em si mesma. O estado cognitivo e os valores ligados a ele é que determinam o esquema de temporalidade.

Assim, uma perturbação do esquema de temporalidade produzido pelo projeto técnico-científico é transferida à cultura, destruindo as coerências sobre as quais ela se estabelecia. Isto faz-se pela possibilidade de previsão que o método científico propicia e pela representação antecipada do efeito desejado, característica da tecnologia. O principal do projeto é a antecipação e o crescimento auto-organizado. Nesta linha, o futuro surge em nova ótica: diferentemente das culturas antigas, onde o futuro estava fora do nosso controle, ou constituía simples repetição de regularidades já observadas no passado, ele passa a ser o local onde a ação é chamada a acontecer. Somos obrigados a aceitar o mundo como ele aparece-nos, ou seja, como um conjunto de tarefas que podemos organizar de acordo com planos. Estamos diante de uma realidade inacabada que devemos transformar. O presente é lançado para além, ligando-se ao futuro apenas para prepará-lo. O futuro é previsível, calculável. Neste esquema de tempo, os diferentes momentos são contínuos e ligados pela antecipação projetante. O passado fica desvalorizado, visto como algo que foi ultrapassado e como mero conjunto de experiências, úteis, às vezes, para inspirarem o levantamento das novas tarefas e dos meios necessários à sua execução.

² Ibid., p. 110.

Independente dos tempos passados ou futuros, a ação torna-se totalmente responsável por si mesma, remetendo-se apenas às suas próprias realizações.

O "desenraizamento"

Ciência e tecnologia questionam, teórica e praticamente, a autoridade e as garantias da tradição. As formas usuais de linguagem perdem a sua eficácia. Cada vez mais dúvidas são colocadas sobre as normas recebidas, as crenças e os valores são crescentemente relativizados. Assim, os alicerces construídos pela existência humana são profundamente abalados. Rompe-se a harmonia que o homem conseguiu estabelecer entre si, o mundo, o passado e sua vida interior.

(...) Começa, então, um modo de existência em que cada um encontra-se ao mesmo tempo em toda parte e em parte alguma, em que tudo parece, ao menos potencialmente, poder ser apreendido pelo conhecimento e transformado pela ação, mas em que mais nada tem sabor, significação concreta, repercussão no vivido, porque foi rompida a comunicação com o mundo do sentido. É o tempo do "desencantamento" de que falava Max Weber. O domínio do mundo faz cessar a ação das forças que mantinham o homem como que fora de si, aprisionavam-no numa espécie de existência segunda, agora julgada irreal. Todavia, o que ela faz advir, com a destruição dos grandes símbolos e de todos os "mundos pré-dados" (*arrière-mondes*), são uma profunda desilusão e a nostalgia, consciente ou inconsciente, daquilo que foi perdido e que em vão tentamos reencontrar nessas formas nobres ou irrisórias de evasão que são a pesquisa etnológica, a exploração do passado, a preocupação com a "vida selvagem", ou, então, o êxodo periódico para aquilo que hoje serve de substituto às grandes celebrações da vida cósmica.³

³ Ibid., p. 116.

A FORMALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: AS ILUSÕES E A VIDA ÉTICA

O indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa auto-deificação. A máquina expeliu o maquinista; está correndo cegamente no espaço (...). O tema desse tempo é a autopreservação, embora não exista mais um eu a ser preservado.

Max Horkheimer

Acerca do último estágio desse desenvolvimento cultural pode-se, na verdade, dizer: 'Especialistas sem espírito, sensualistas sem coração'. Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca antes alcançado.

Max Weber

A mudança mais profunda ocasionada pela sociedade racional é em nossa imagem da humanidade, particularmente naquela do homem das grandes cidades. Estas parecem " (...) compor-se de milhões de indivíduos desconectados, cada qual competindo isoladamente, e, no entanto, sendo arrastado pelo caudal de todos os ou-

tros".¹ Tal imagem, que substitui a antiga visão da humanidade, formada de grupos locais, com língua, religião e costumes próprios, parece-me bastante adequada para exprimir a atomização da sociedade, que tende a fragmentar-se em suas unidades fundamentais, os indivíduos que a compõem.

As massas humanas, reunidas e acionadas por forças externas, incontroláveis e incompreensíveis do ponto de vista individual, formam hoje a realidade social.

É a atual estrutura da racionalidade, entendida como o espírito da razão científica que penetra todos os setores da vida social, que se deve atribuir o declínio do indivíduo e a formação das massas. Como vimos, o sistema ciência-tecnologia, entrando em interação com os outros sistemas sociais, tem efeitos determinantes na cultura, abalando as tradições, eliminando as possibilidades de simbolização que dão ancoragem à existência, modificando a estrutura do tempo, levando o modo de vida puramente racional a aproximar-se cada vez mais e a determinar em grande medida a vida individual.

Interessa-nos, nesta altura de nosso trabalho, procurar explicitar, em linhas gerais, como a vida individual é suprimida, como é vivenciada, e que repercussões essa repressão tem no pensamento, na ação e na vida ética dos indivíduos.

Racionalidade e instituições: a organização burocrática

(...) A burocracia, ou a organização burocrática – definida como um sistema social racional, ou seja, como um sistema social administrado segundo critérios de eficiência, em que são definidos objetivos precisos a serem atingidos e se escolhem os meios mais adequados, mais eficientes, para atingir aqueles objetivos transforma-se na forma histórica de agrupamento social de nosso século.²

1 Susanne K. Langer, *Ensaio Filosófico*, p. 102.

2 Tarcísio Moura, *Mercado das Cordialidades*, p. 48.

A hipertrofia da razão dentro das instituições traz uma série de conseqüências: o abstrativismo das atividades e da ordem hierárquica como exigência da organização, a colocação de grande grau de impessoalidade como ideal a ser alcançado e a imposição de formas cada vez menos personalizadas de relacionamento humano. Neste modelo de organização formal, os papéis são preenchidos impessoalmente e quanto mais para ele se caminha, mais a burocratização e a dominação ampliam-se.

As disfunções burocráticas nem sempre são de responsabilidade ideológica, sendo muitas vezes conseqüentes da forma de sua aplicação. Mesmo assim, a burocracia não se reduz a elementos meramente formais. Sua ação tem um componente de dominação que a estrutura como forma de poder. Colocada a serviço das forças de dominação, com a valorização das organizações no mundo moderno, a burocracia leva à alienação do indivíduo, no sentido de sua impotência para decisão e ação próprias.

(...) Nestes termos, a burocracia deve ser tomada como uma técnica do empobrecimento humano. A idolatria das normas, a dedicação profissional, levam a certas práticas pouco humanizantes, como: conformismo, não competitividade, irresponsabilidade moral, idiotismo da profissão, sentimento de inutilidade vital etc. Consagram a operação e nadificam o operante. Sobretudo o burocrata subordinado torna-se, nas palavras de Erich Fromm, "fraco, indefeso e desconfiado de si mesmo e de suas próprias possibilidades".³

No exercício da burocracia, a racionalização contém elementos de irracionalidade, desde que os interesses pelo poder sobreponham-se aos interesses de eficiência administrativa.

A impossibilidade de uma perfeita adequação dos interesses do poder com a revolução técnico-científica provoca um vazio que transforma a burocracia em força alienante.

A burocracia age antieticamente: de um lado responde à sociedade de massa e convida à *participação* de todos, de outro,

3 Ibid., p. 56 e 57.

com sua hierarquia, monocracia, formalismo e opressão afirma a *alienação* de todos, torna-se jesuítica (secreta), defende-se pelo sigilo administrativo, pela coação econômica, pela repressão política.⁴

Para o necessário equilíbrio burocrático diante das forças desintegradoras, deve-se realizar um relacionamento dialético entre razão e operação. Primeiramente, a razão fornece os critérios à organização da ação, originando um processo que é ponto de partida para a eficiência. Realizada a operação, a razão deve distanciar-se dela no sentido de avaliá-la e reorganizar o processo. É sob essa base que a organização pode ser compatível com ideais humanos.

No entanto, na prática a razão operacionaliza-se, torna-se razão técnica e deixa de tomar distância em relação à operação para poder avaliá-la. A razão aliena-se e torna-se incapaz de agir por si própria. A ação identifica-se com seu resultado e é cega perante ele e a ideologia que o utiliza.

Os efeitos da instrumentalização da razão revelam-se na defasagem entre a ação burocrática e os objetivos colocados racionalmente. Moura diferencia a boa da má burocracia em relação aos vazios que aquela preenche e que esta cria. A arte de elaborar vazios práticos tem, segundo ele,

(...) uma força manipuladora que, com seu poder de intervenção na vida das pessoas, extrapola de muito o seu próprio universo. Se tomarmos consciência das dimensões cada vez mais amplas da burocratização e do poder por ela veiculado, podemos falar de uma burocracia introjetada por todas as pessoas, como processo ao qual elas não podem furtar-se simplesmente porque vivem numa sociedade cujo comando interessa-se pelo coletivo, não pelo individual.⁵

Das conseqüências da instrumentalização do poder pela burocracia que Moura coloca, ressaltamos:

⁴ Ibid., p. 58, citando Maurício Tragtenberg.

⁵ Ibid., p. 61 e 62.

a) Regulação das autonomias

O gigantismo burocrático prejudica seu poder de assimilação.

Seu domínio atinge todas as dimensões humanas. A conformidade dirigida elimina a participação pessoal do indivíduo, sua criatividade é substituída pela capacidade de adaptação e ele torna-se mero receptor de decisões e ator de ações realizadas e decididas por outrem. A autonomia dá lugar à heteronomia. A formalidade e a impessoalidade dominam as relações humanas, que se tornam relações de produção. A uniformidade passa a caracterizar a sociedade.

b) Dissolução das utopias

As exigências de objetividade, características da racionalidade moderna, levam à destruição do pensamento utópico.

O princípio da realidade objetiva, na preocupação do controle e da produção em termos de critérios quantitativos, não dá lugar para o negativo, para formas de pensar diferentes das do *status quo*.

O realismo burocrático suprime o devir em favor do ser e retira daquele toda a eficácia de sua dialética antecipadora. A esperança se esgota no que é equacionado em termos organizacionais. A função do amanhã é considerada apenas em vista do que já se projetou e o que se projeta é pura função da eficácia do hoje.⁶

c) Mercantilização dos valores

O dinheiro é o único símbolo que pode significar os processos interligados de produção, de racionalidade, de dominação e de buro-

⁶ Ibid., p. 68.

cracia; ele é o único símbolo que permite somar e diminuir valores, não tendo nenhum valor oposto. Torna-se o símbolo mais eficaz para veicular as trocas burocráticas porque concretiza a impessoalidade.

Tudo, então, passa a ser objeto de venda, até os valores humanos mais fundamentais. Assim, as atividades cotidianas são programadas segundo interesses mercantilistas, tornando-se artificiais as relações humanas. As operações e ações são realizadas automaticamente, desvinculadas de suas funções originais e destituídas de qualquer sentido. Existe o símbolo, não o simbolizado.

A supressão da individualidade

Tomamos a definição que Horkheimer dá de indivíduo, como entidade histórica, referindo-se o termo à

(...) existência sensível e espaço-temporal de um membro particular da espécie humana, mas, além disso tudo, a compreensão da sua própria individualidade como um ser humano consciente, inclusive o reconhecimento de sua identidade.⁷

A percepção da identidade do eu está ligada a condições históricas, sociais e de desenvolvimento do ser humano. Constrói-se à medida que o indivíduo, entrando em interação com o mundo e com a cultura, tem experiências de várias ordens e, simbolizando-as, é capaz de compreendê-las e integrá-las como fazendo parte de si e de sua existência. Esta simbolização é realizada pela linguagem, pelo pensamento, pela imaginação e por outras formas de expressão (a corporal ou artística, por exemplo), tendo como base os sentimentos que tal experiência evoca. Os sentimentos evocados estão diretamente ligados às necessidades humanas subjacentes à situação e ao momento em que a experiência realiza-se.

Para que a simbolização ocorra de forma harmoniosa e integrada, tornando-se consciente e possibilitando o desenvolvimento da identidade pessoal, e não de forma desintegradora, devem existir algumas condições que as possibilitem. Fazem parte destas condições:

⁷ Max Horkheimer, *O Eclipse da Razão*, p. 139.

tempo e espaço disponíveis, outros indivíduos que possam partilhar com a pessoa em questão esta experiência, certa flexibilidade e disponibilidade, no meio ambiente objetivo e/ou subjetivo de recursos que permitam a expressão dos sentimentos e da experiência interior. Isto, por sua vez, exige um mínimo de espontaneidade e informalidade, tanto no nível interno como externo.

Ora, o que estamos assistindo na civilização moderna é a uma supressão crescente dessas condições de informalidade. A racionalidade, no seu uso planejado, com fins utilitaristas e imediatistas, rouba-nos impiedosamente o tempo e o espaço para a ação espontânea, que busca a experiência que satisfaça verdadeiramente as nossas necessidades, e a sua expressão.

Apesar de, materialmente falando, parecermos ter melhores condições de vida e de auto-realização que nossos antepassados, a sociedade racional impõe-nos um ritmo e um esquema de vida que nos rouba de nós mesmos. As determinações do sistema econômico e industrial, possibilitadas pelo progresso científico, e as inseguranças que ele traz, obrigam os indivíduos a optarem pelo sistema de adaptação da mera sobrevivência. Movidos pela necessidade de sobrevivência, os indivíduos idolatram o trabalho, a pesquisa e a invenção, a eles sacrificando a alegria, o amor e o prazer, elementos importantes na sua vida e realização pessoal.

Com as mudanças sociais, as mudanças na estrutura e dinâmica familiares, racionalizadas, heterogovernadas e fendidas, desde a primeira infância o ser humano integra associações, equipes e instituições, ficando sua especificidade totalmente reprimida ou absorvida. A esperança de auto-realização do indivíduo é obrigatoriamente substituída pela necessidade de imitação com valor de sobrevivência.

Através da repetição e imitação das circunstâncias que o rodeiam, da adaptação a todos os grupos a que eventualmente pertença, da transformação de si mesmo de ser humano em membro das organizações, do sacrifício de suas potencialidades em proveito da capacidade de adaptar-se e conquistar influência em tais organizações, ele consegue sobreviver. A sua sobrevivência se cumpre pelo mais antigo dos meios biológicos de sobrevivência, isto é, o mimetismo.⁸

⁸ *Ibid.*, p. 152.

A formalização da experiência, transformada em corrida racional e desmedida de um futuro melhor, onde a vida possa ser plenamente vivida, de um futuro que nunca chega, artificializa e deturpa as necessidades e as relações humanas, capitaliza a vida.

A vivência da individualidade reprimida

São inúmeros os ônus que a capitalização da vida traz, tanto para o indivíduo como para a sociedade.

Assumir o mimetismo e a casca de uma vida realizada e feliz, embora possa disfarçar os conflitos e problemas interiores que o indivíduo experimenta, definitivamente não os elimina. A falta de oportunidade de entrar em contato profundo e verdadeiro com os outros e consigo mesmo, suas necessidades e sentimentos reais, a falta de canais de expressão da experiência como um todo, fazem com que o indivíduo vivencie, intimamente, um sentimento de extrema solidão e de incerteza. A eficiência exterior contrasta com a dura insegurança e impotência que ele experimenta em sua vida afetiva quando está só. Sentimentos duros e doídos, que ele procura evitar e no que é firmemente auxiliado pela produção industrial, que também aí e nos momentos mais íntimos, faz-se presente, convidando o indivíduo a ocupar-se em mais uma atividade heteroprogramada e ilusória. Um filme na TV, uma revista, um programa, uma excursão, uma festa, uma roupa, um carro, um aparelho novo. Ou esporte. Ou drogas. Ou soníferos. Para que os sonhos não lhe tirem o sono. Para que os sonhos não venham mostrar o absurdo do cotidiano, sem gosto e sem esperanças.

O cansaço da energia cerebral gasta em excesso, da repressão da energia afetiva. O acúmulo de frustrações, mágoas, ressentimentos, desesperança. O buraco enorme da solidão. A humanidade perdida, a superficialidade instalada, o sorriso ensaiado, a lágrima contida, a confusão. Sentimentos que se revelam sob forma de tensão, ansiedade, agressividade velada ou explícita, violência. E as defesas, mais amplas, em maior número, mascarando os problemas reais, tornando-os longínquos, de difícil percepção e de difícil acesso.

Embora a aparência possa até ser de luxo, bem-estar, alguma parte do corpo esconde o drama. E as consultas a médicos, psicoterapeutas e outros especialistas aumentam, para quem pode. A busca de caminhos alternativos (espiritismo, curandeirismo etc.) também, para os que podem e, principalmente, para os que não podem. Eventualmente, isso ajuda, mas muitas vezes representa o começo de uma maratona sem fim, que aumenta os sentimentos de insegurança, dependência e impotência.

Abandonar-se, deixar o barco correr, desresponsabilizar-se.

O pensamento, a ação e a vida ética

Acostumado a atuar sob comando, segundo finalidades essencialmente práticas e servindo a interesses externos, o pensamento é expurgado de qualquer conteúdo afetivo ou imaginativo, sendo estes considerados fora de moda, piegas, ridículos. Assim, quando estes conteúdos forçam passagem para o pensamento, induzem à confusão e são rapidamente racionalizados ou simplesmente repelidos. Ligados apenas às ações, que se tornam rotineiras, ambos, pensamento e ação, tornam-se sem sentido. As ações, automáticas, sem criatividade, tornam-se sem graça e são feitas sem muita vontade. Se a ordem é sobreviver e adequar-se segundo os modelos impostos, e se é impossível superá-los, o pensamento e a imaginação passam a ser usados no sentido de buscar satisfações imediatas, transferir responsabilidades e promover justificação para as formas pouco éticas e satisfatórias da vida que se leva. Se a vida do indivíduo, no sentido da sobrevivência, é regulada de fora, a responsabilidade, principalmente pelos erros e desacertos, pelas frustrações, não é dele. Assim, a responsabilidade pela mudança também não lhe pertence. E todos os desvios éticos que ele realiza para poder sobreviver, também não são de sua responsabilidade. A desresponsabilização e o descompromisso driblam a culpa e destroem a resistência individual.

As ilusões

As ilusões são reificações de nossos impulsos para o prazer. Os desejos transformam-se em coisas. O homem transforma o